Dia 14 — São Lubino, Bispo e Confessor

Nasceu São Lubino em Poitiers pelo fim do quarto século. Seus pais foram pobres, mas virtuosos, e criaram-no no santo temor de Deus. A rendida obediência que lhes professou desde sua meninice mereceu-lhe do céu as abundantes bênçãos de que o Senhor o cumulou. Passou os anos de sua juventude numa grande simplicidade e santa ignorância, ocupando-se no exercício de pastor.

Encontrando um dia no campo certo santo religioso da abadia de Noaillé, declarou-lhe o grande desejo que tinha de aprender a ler e rogou-lhe que lhe fizesse uma cartilha. Admirado o monge das ânsias que mostrava aquele pobre pastorzinho e não tendo consigo papel, tinta nem outro modo de dar-lhe gosto, gravou-lhe o melhor que pôde e soube o alfabeto em seu mesmo cinto. Com este curto auxílio e com o de alguns livrinhos que seu pai lhe buscou, achou-se Lubino em estado de instruir-se em muito pouco tempo, com a leitura, nos mistérios da religião.

Mas muito mais instruído pela graça que pelos livros, tinha uma santa inveja dos que, longe dos embaraços do mundo, podiam dedicar-se ao estudo da salvação e meditar com quietude nossos santos mistérios. Isto o moveu a deixar a profissão de lavrador e de pastor e a retirar-se a um mosteiro com beneplácito de seus pais. Mal foi recebido nele, começou a ser distinguido entre todos os monges por sua devoção e por seu fervor; edificava-os sua mortificação e sua exata pontualidade; mas sua humildade e sua modéstia os cativava.

Sobrecarregado com muitos ofícios, tirava do sono o tempo que dedicava ao estudo. Embora houvesse sido um pobre pastor sem cultura e sem criação, nada tinha de rústica nem de grosseira sua virtude e, servindo a todos de modelo na observância, soube ganhar a veneração e até o coração de todos.

Tendo estado oito anos no mosteiro, vieram-lhe desejos de visitar Santo Avito, famoso solitário do Perche, para aprender de tão santo e experimentado mestre o caminho da mais elevada perfeição.

Chegando à notícia de um diácono chamado Carilefo este intento de Lubino, disse-lhe um dia: «Já sei os desejos que tens de professar vida mais perfeita; bendigo a Deus e aconselho-te que leves adiante teus bons propósitos; mas na nova carreira que vais empreender, nunca te esqueças do que te vou dizer. Primeiro, não te obrigues a servir a bispo algum, porque a vida de palácio, por regrada que seja, convém pouco a um solitário. Segundo, não aspires nem pretendas o governo de alguma igreja particular, e embora te brindem com ela, não a aceites; porque, ainda que possas fazer muito bem, é muito dificultoso conservar o método e a regra da vida monástica; e, dado o caso de que tenhas bastante virtude para não deixar-te levar dos aplausos dos lisonjeiros, não sei se terás a que é mister para sofrer as calúnias dos detratores. Terceiro, jamais queiras viver em

comunidades curtas ou em conventos pequenos, porque raríssima vez se guarda neles com vigor a observância religiosa, sendo o comum asilo dos tíbios e dos imperfeitos; a devida subordinação não costuma estar bem guardada; com facilidade se concedem dispensas da regra; e, em suma, de ordinário cada um faz o que quer.»

Resolvido Lubino a aproveitar-se destes prudentes conselhos, passou a buscar em sua ermida a Santo Avito. Instruiu-o o santo por alguns dias; e ao cabo deles aconselhou-lhe que se recolhesse ainda por algum tempo em algum mosteiro, tanto para aperfeiçoar-se mais e mais na virtude como para exercitar-se na prática dos costumes e observâncias monacais. Tomou o conselho nosso santo e, subindo pela margem do rio Loire, encontrou um mosteiro pequeno, onde lhe fizeram instâncias para que ficasse nele; mas, lembrando-se do que lhe havia prevenido o santo Carilefo, escusou-se modestamente e passou adiante com ânimo de retirar-se à célebre abadia de Lérins, onde florescia ainda em todo o seu rigor a observância cenobítica. Já estava a caminho para dita abadia quando encontrou um monge dela que o dissuadiu daquele intento; e, achando-se no Gévaudan, foi ver São Hilário, bispo de Javols, cuja sede foi com o tempo trasladada à cidade de Mende. Recebeu o santo prelado os dois peregrinos em sua comunidade; e, tendo conhecido o espírito ligeiro do monge que se havia juntado com nosso santo, aconselhou-lhe que nunca se apartasse da companhia de São Lubino e que os dois se recolhessem a passar os dias de sua vida em algum mosteiro.

Partiu nosso santo de Javols e foi a Lião com o outro monge de Lérins e desde Lião encaminhou-se com ele ao famoso mosteiro de Ilha-Barba, cujo abade à sazão era São Lupo. Prendado da edificativa observância daquela santa casa, não menos que da eminente virtude e extremada austeridade de vida do santo abade e de seus santos monges, não pensou em andar buscando já outro lugar para seu retiro; mas não pôde deter ali por muito tempo o outro monge, seu companheiro de viagem, porque aquele gênio inquieto e inconstante se foi do mosteiro e deixou livre nosso santo para gozar com quietude e com sossego a doçura de tão santa solidão.

Cinco anos havia que São Lubino era o exemplo daquela santa casa, dedicado inteiramente ao exercício das virtudes mais sublimes da vida religiosa, quando os reis Clotário e Childeberto, irmãos de Clodomiro, se apoderaram da Borgonha e de todo o território de Lião, entrando as tropas a saque no mosteiro de Ilha-Barba. Ao aproximar-se o exército, todos os monges desampararam o mosteiro, à exceção de nosso Lubino e de um santo velho cuja extrema ancianidade e muitos achaques não lhe permitiram fugir.

Não são explicáveis os maus-tratos que fizeram ao santo os soldados, cobiçosos da pilhagem, para obrigá-lo a descobrir o lugar onde os monges haviam escondido o dinheiro e as alfaias; mas nada bastou a dobrar sua constância. Mergulharam-no no Saône, moeram-no a golpes, fizeram-lhe mil ultrajes; mas, depois de haver padecido muito, achou modo de escapar de suas mãos e retirou-se à solidão de Santo Avito, que o recebeu com muita caridade e logo o venerou como mestre na perfeição religiosa.

Morto Santo Avito, buscou São Lubino outra solidão ainda mais retirada, para dedicar-se nela a uma vida ainda mais austera. Tendo-se-lhe juntado outros dois solitários, retirou-se com eles ao deserto de Carbonera, nas extremidades do bosque de Montmirail, onde edificaram três celinhas e

passaram nelas uma vida mais de anjos que de homens. Com o tempo ficou só nosso santo, fazendo maravilhosos progressos em todo gênero de virtudes, entregue a uma vida penitentíssima e perfeitíssima, cuja santidade manifestou logo o Senhor com muitos prodígios.

Numa ocasião, ao tempo da sega, levantou-se uma tempestade tão furiosa de trovões, relâmpagos, raios e granizo que parecia ir acabar-se o mundo. Movido o servo de Deus do dano que ameaçava aquela nuvem de fogo, pôs-se em oração e, lançando ao ar umas gotas de azeite que havia bendito, logo cessou a tempestade. Poucos dias depois, com o mesmo remédio do azeite bento apagou outro incêndio voracíssimo; e, enfim, suas orações iam sempre acompanhadas de prodigiosos efeitos.

Conhecendo Santo Eterio, bispo de Chartres, a eminente virtude de nosso solitário, obrigou-o a sair de seu deserto e, apesar de sua repugnância, fê-lo abade do mosteiro de Brou e depois o ordenou sacerdote. Por este tempo, tendo feito uma viagem à Provença Santo Albino, bispo de Angers, com o fim de visitar São Cesário, arcebispo de Arles, quis que o abade Lubino fosse em sua companhia; e ele consentiu facilmente nesta jornada pelo desejo que tinha de acabar seus dias no mosteiro de Lérins. Mas, sabendo seu intento São Cesário, dissuadiu-o dele e até o persuadiu a que quanto antes se restituísse ao mosteiro que Deus lhe havia encomendado, se não queria ser responsável a sua Majestade da relaxação e das desordens que em sua ausência poderiam suceder. Fez-lhe força a Lubino um conselho tão santo como prudente, e desde aquele ponto só pensou em voltar quanto antes a cuidar de seus monges, com firme resolução de não sair jamais de seu mosteiro. Mas o Senhor o dispôs de outra maneira; porque, mal chegou a Brou, quando por morte do bispo de Chartres o rei Childeberto propôs a Lubino para sucedê-lo. O clero e o povo reconheceram visivelmente a vontade de Deus na proposição do rei; mas não foi tão fácil vencer a humildade de nosso santo, que não podia render-se a consentir em ser bispo. Não é possível explicar sua repugnância e desconsolo; lágrimas, rogos, protestos, tudo o pôs em prática para fugir daquela augusta dignidade de que se considerava tão indigno; e por fim, vendo que nada bastava para persuadi-lo a que deixasse sua amada solidão, foi mister valer-se de um inocente artifício.

Fingiram o clero e o povo que se rendiam a suas razões; e somente lhe suplicaram que nomeasse ele mesmo o monge que melhor lhe parecesse entre seus súditos para ser consagrado em seu lugar. Condescendeu o santo e nomeou o que julgou mais a propósito para bispo. O monge, que estava bem instruído de tudo, convinha em que aceitaria o bispado, contanto que seu abade lhe desse o consolo de assistir a sua consagração. Veio nisso o santo abade; mas, mal entrou na igreja, o clero e o povo começaram a clamar a voz em grito que Deus havia escolhido o abade Lubino para seu pastor; que esta era também a vontade do rei e que a nenhum outro teriam por bispo. Viu-se precisado a render-se e a ceder não menos à ordem do rei que aos ardentes desejos do clero e povo.

A nova dignidade não causou nele outra novidade que a de aumentar seu zelo e seu fervor. Não se dispensou em algum dos exercícios religiosos que fazia no mosteiro, nem afrouxou um ponto na austeridade e penitência de sua vida. Sempre mais pobre, sempre mais humilde, sempre mais desprezível e mais pequeno a seus olhos, olhava aquela brilhante dignidade como uma nova obrigação que o empenhava em ser mais perfeito e em acrescentar às virtudes de abade as perfeições de bispo.

Não se pode explicar a exatidão e a edificação com que encheu todos os deveres de fiel e vigilante pastor. Tão poderoso em obras como em palavras, convertia os mais obstinados pecadores com sua doçura e com seu zelo, e em muito pouco tempo viu-se florescer a disciplina eclesiástica e regular em todo o seu bispado.

Declarou o Senhor a eminente santidade de seu digno ministro com portentosos milagres. Restituiu a vista a um cego só com fazer o sinal da cruz sobre seus olhos. Já se sabia que era remédio pronto e eficaz contra todo gênero de dolências o lograr envolver-se em seu pobre manto: a água bendita por suas mãos tinha prodigiosa virtude contra os demônios. Fazendo a visita de seu bispado, ressuscitou a filha de seu hóspede. Com este extraordinário dom de milagres já se deixam compreender os grandes frutos que faria em sua diocese. Cumulado enfim o santo bispo de merecimentos, ilustre por grande número de maravilhas e chorado extraordinariamente de seu povo, depois de havê-lo purificado o Senhor por espaço de sete anos com uma dolorosa enfermidade, que não lhe concedeu mais tréguas que para assistir ao quinto concílio de Orléans e ao segundo de Paris, morreu em Chartres no ano de 557 [^1]. Deu-se sepultura a seu corpo com solenidade digna de tão santo bispo; e os milagres que operou o Senhor em seu sepulcro excitaram muito logo a devoção e o concurso a ele de todos os povos comarcãos. Conservam-se ainda hoje na catedral de Chartres com grande devoção as preciosas relíquias de São Lubino que puderam escapar do furor dos huguenotes, os quais, no ano de 1568, arrojaram ao fogo todos os ossos do santo prelado que puderam haver às mãos.

Missa (oração)

A missa em honra do santo é do comum de confessor e pontífice, e a oração da missa é a seguinte:

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Lubini confessoris tui atque pontificis veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que, por ocasião da venerável festividade de vosso confessor e pontífice o bem-aventurado Lubino, aumente em nós a devoção e o desejo da salvação eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da primeira do apóstolo São Pedro.

1 Pedro 5,1-4

>

> **Latim:** [1] Seniores ergo, qui in vobis sunt, obsecro, consenior et testis Christi passionum : qui et ejus, quæ in futuro revelanda est, gloriæ communicator : [2] pascite qui in vobis est gregem Dei, providentes non coacte, sed spontanee secundum Deum : neque turpis lucri gratia, sed voluntarie : [3] neque ut dominantes in cleris, sed forma facti gregis ex animo. [4] Et cum apparuerit princeps pastorum, percipietis immarcescibilem gloriæ coronam.

Português: [1] ESTA he pois a rogativa que eu faço aos presbyteros, que ha entre vós, eu presbytero como elles e testemunha das penas que padeceo Christo: e que hei de ser participante d'aquella gloria, que se ha de manifestar para o futuro: [2] apascentai o rebanho de Deos que está entre vós, tendo cuidado d'elle não por força, mas espontaneamente segundo Deos: nem por amor de lucro vergonhoso, mas de boa vontade: [3] não como que quereis ter dominio sobre a cleresia, mas feitos exemplares do rebanho com huma virtude sincera. [4] E quando aparecer o Principe dos pastores, recebereis a coroa de glória, que nunca se póderá murchar.

Nota

«Achando-se São Pedro em Roma, a quem dá o nome de Babilônia, ou pela confusão de todos os cultos idólatras que reinavam nela ou por ocultar o lugar onde residia, escreveu esta admirável epístola, dirigida aos fiéis convertidos entre os judeus do Oriente e também aos gentios convertidos à fé, exortando a uns e a outros a viver conforme à santidade do Evangelho. O capítulo 5 fala mais particularmente com os pastores da Igreja, a quem dá excelentes advertências.»

Reflexões

Isto é o que rogo aos sacerdotes: *Seniores, qui in vobis sunt, obsecro, consenior.* Que estilo tão distante daquelas cláusulas altaneiras e afetadas, daquelas palavras imperiosas, daquele tom magistral e dominante que aliena os corações e irrita os ânimos em vez de instruí-los! O príncipe dos apóstolos, a cabeça da Igreja, o pai de todos os fiéis serve-se da palavra rogo quando escreve aos sacerdotes. Não teme abater sua dignidade nem envilecer seu caráter, pondo-se de nível com seus inferiores e dando-lhes instruções com título de súplicas. Bom Deus, que império têm sobre o coração dos homens esta mansidão, esta humildade, quando estão acompanhadas de um mérito real e de uma virtude verdadeiramente superior! Mas, quando se quer suprir o mérito com a imperiosidade e com a altanaria, sai mal a conta.

A mansidão e a modéstia dos santos encantam; sua afabilidade os faz mais respeitáveis; encontra-se não sei que gênero de superioridade, não sei que ar de nobreza até em suas mesmas humilhações. A grandeza que não tem mais lustre que o que lhe emprestam os móveis preciosos ou o magnífico equipamento é bem pouca coisa. Muito débil está o que tem necessidade de tantos

apoios para manter-se.

Pascite qui in vobis est gregem Dei: apascentai o rebanho de Deus que se fiou a vosso cuidado. Se é rebanho de Deus, que delito não será o abandoná-lo ou o deixá-lo que se apascente de pastos não sãos! Que delito não será o não lhe dar pasto nenhum!

«Ai daqueles pastores de Israel, diz o profeta [^2], que se apascentam a si mesmos! Pois quê, os pastores não apascentam o gado? E vós mamais o leite de minhas ovelhas, cobris-vos com sua lã e não tratais nem cuidais de apascentá-las a elas. Nunca vos aplicastes nem a fortalecer as débeis, nem a curar as enfermas, nem a ligar com uma triste venda a fratura das perniquebradas. Não vos tomastes o curto trabalho de levantar as que caíam nem de buscar as que se desgarravam, contentando-vos com dominá-las com rigor, com severidade e com império. Por isso minhas pobres ovelhas andam por aí espalhadas e perdidas, porque não têm pastor; e por isso caem nas garras de todas as feras do monte, que miseravelmente as despedaçam e as devoram.»

Que grande coisa seria que estas repreensões e as ameaças que se lhes seguem faltassem unicamente com os pastores da lei antiga! Graças ao Senhor, não há hoje em sua santa Igreja muitos pastores deste caráter. Temos o consolo de ver cumprido o que havia prometido Deus por seu profeta [^3]: *Suscitabo super eos pastores, et pascent eos.* Deu Deus a sua Igreja pastores dignos, que cuidam de apascentar seu rebanho e de desviá-lo de todo pasto que possa ser-lhe nocivo. Mas, se por desgraça se encontrassem alguns daqueles pastores descuidados e negligentes, daqueles ministros dos altares mais mercenários que pastores, os quais se apascentassem eles à custa de seu rebanho, deixando-o a ele perecer de fome, que teriam que responder ao Juiz supremo quando lhes pedisse o sangue das ovelhas mortas por falta de pasto ou das despedaçadas por negligência e por ausência do pastor? *Sanguinem autem ejus de manu tua requiram.* Oh, que obrigação tão terrível a de dar conta, assim do sangue das ovelhas como das funções sagradas do altar e do patrimônio dos pobres!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas. [^4]

Lucas 12,43-48

> **Latim:** 43 Beatus ille servus quem, cum venerit dominus, invenerit ita facientem. 44 Vere dico vobis, quoniam supra omnia quæ possidet, constituet illum. 45 Quod si dixerit servus ille in corde suo : Moram facit dominus meus venire : et cœperit percutere servos, et ancillas, et edere, et bibere, et inebriari : 46 veniet dominus servi illius in die qua non sperat, et hora qua nescit, et dividet eum, partemque ejus cum infidelibus ponet. 47 Ille autem servus qui cognovit voluntatem domini sui, et non præparavit, et non facit secundum voluntatem

> ejus, vapulabit multis : [48] qui autem non cognovit, et fecit digna plagis, vapulabit paucis. Omni autem cui multum datum est, multum quæretur ab eo : et cui commendaverunt multum, plus petent ab eo.

Português: [43] Bemaventurado aquelle servo, que quando o senhor vier, o achar assim obrando. [44] Verdadeiramente vos digo, que elle o constituirá administrador de tudo quanto possue. [45] Porém se disser o tal servo no seu coração: Meu senhor tarda em vir: e começar a espancar os servos, e as criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se: [46] virá o senhor d'aquelle servo no dia, em que elle o não espera, e na hora, em que elle não cuida, e removello-ha, e pólllo-ha á parte com os infiéis. [47] Porque aquelle servo, que soube a vontade de seu senhor, e não se apercebeo, e não obrou conforme a sua vontade, dar-se-lhe-hão muitos açoutes: [48] mas aquelle que não na soube, e fez cousas dignas de castigo, levará poucos açoutes. Porque a todo aquelle, a quem muito foi dado, muito lhe será pedido: e ao que muito confiarão, mais conta lhe tomarão.

Meditação

Da falsa segurança

Primeiro ponto

Considera que não há criado algum que queira ser apanhado em falta por seu amo e que, sabedor de que este está para vir, não se ponha em estado de cumprir com seu dever. O que não teme ser surpreendido vive descuidado; e esta é a razão, dizem os padres, por que Deus nos ocultou a todos a hora de nossa morte. Quis que, não sabendo a hora em que havia de vir a pedir-nos ou tomar-nos as contas de nossa administração, estivéssemos sempre dispostos para dá-las. Velai e orai sem cessar, diz o Salvador, porque ignorais o momento decisivo de vossa eterna sorte. E, se em meio desta incerteza ainda se vive com tanta negligência, que seria se estivéssemos seguros de que o amo não nos havia de apanhar de repente? Mas, sendo a incerteza tanta, quem nos alenta, quem nos tranquiliza na continuação de nossas desordens? Não virá tão cedo o amo, diz o servo negligente; e sob esta néscia confiança abandona-se a mil excessos. Não nos pinta a nós o Evangelho? Não representa ao vivo nosso retrato no deste servo infiel e descuidado? Sou moço, desfruto boa saúde, sinto-me com a maior robustez, não há que temer que o soberano Juiz venha tão cedo; isto é o que dá ânimo ao pecador em meio de suas maiores dissoluções. Lisonjeia-se de que sempre terá tempo para converter-se. Mas em que funda esta falsa segurança e esta enganosa confiança? És jovem; mas a morte respeita porventura alguma idade? És robusto; e quantos mais robustos que tu morreram de repente? Não há instante da vida que não possa ser o último. Não há velho tão velho que não se prometa ao menos um ano mais de vida; não há enfermo tão desesperado que não tenha esperança de sarar; não há nenhum, digamo-lo assim, que não morra de repente, isto é, que não morra quando ainda esperava viver mais. É certo, segundo a palavra de Jesus Cristo, que o Filho do homem vem sempre quando menos se espera; e

com tudo isso, há quem se ria, há quem se divirta, há quem viva tranquilo, vivendo em pecado mortal! Não me dirás, infeliz, em que afiança essa desditosa segurança?

Segundo ponto

Considera que assombro deve causar a falsa segurança de inumeráveis gentes que, levando uma vida tão pouco cristã, passam alegremente seus dias entregues a diversões, a gostos, a entretenimentos; e, levando em sua fronte estampado o caráter de reprovação, com tudo isso vivem tranquilos e quase sem remorso, como se nada tivessem que temer. Que se julgaria de uma pessoa que, tendo debaixo dos pés um horrendo precipício, voluntariamente se deitasse a dormir com grande serenidade sobre a beira?

Toda a vida se está dormindo, digamo-lo assim, sobre a beira do inferno, e não se teme precipitar-se nele a cada instante! Aquelas pessoas cuja consciência gangrenada mal fala palavra, porque se fez insensível como os membros do corpo tocados da gangrena; aqueles homens do mundo absorvidos pelos negócios e submergidos nos prazeres, vivem com uma crassa indiferença em ordem à salvação, com um eterno esquecimento de seu Deus; e com tudo isso vivem serenos, vivem tranquilos. Bom Deus, que assombro!

As pessoas mais cristãs, que com tanta razão olham o negócio da salvação como o negócio mais importante, como o único negócio que lhes importa; aquelas almas inocentes, sepultadas nos desertos ou encerradas nos claustros, que passam os dias entre os rigores da penitência, que jamais perdem de vista a Deus, que sempre caminham diante de seus olhos pelas veredas da santidade e da justiça; um São Lubino e todos os demais santos, em meio de uma vida tão mortificada e tão perfeita, trabalham continuamente em sua salvação com temor e com tremor, conforme o conselho do Apóstolo: e uns homens metidos no grande mundo, expostos sem cessar a todos os tiros do inimigo, engolfados num mar cheio de escolhos, num mundo tumultuoso onde tudo é tentação, tudo perigo, onde é contagioso até o ar que se respira; estes homens estão em repouso, vivem alegres, comem com gosto e dormem tranquilos. Ó Deus meu, quão digno de compaixão é o que está enfermo de perigo e nem sequer conhece que está mal!

Não permitais, Senhor, que viva eu neste mortal letargo; e, se até aqui me deixei levar de uma segurança enganosa, abri-me, meu Deus, os olhos para que jamais perca de vista o perigo.

Jaculatórias

> *Confige timore tuo carnes meas: a judiciis enim tuis timui.* Sl 118.

Penetrai, Senhor, minha alma e meu coração de vosso santo temor, para que evite o rigor de vossos terríveis juízos.

> *Beatus homo qui semper est pavidus.* Pr 28.

Ditoso aquele que sempre está com temor em ordem a sua salvação.

Propósitos

1. A uma falsa segurança sempre se seguiu um cruel arrependimento; sobretudo quando o mal é sem remédio. Que dor, que desesperação por toda a eternidade nos infernos a de um infeliz condenado que somente se condenou, digamo-lo assim, por não haver temido condenar-se! Por mais que te console o testemunho de tua boa consciência em ordem à vida passada; por uniforme, por composta, por ajustada que seja a presente; por defendido que te pareça que estejas no claustro, na solidão, no retiro, tem, sim, uma grande confiança na misericórdia de Jesus Cristo; mas não deixes de temer o rigor de sua justiça. Não te esqueças jamais de que Judas se perdeu em sua companhia, em sua mesma escola, diante de seus próprios olhos; e que Salomão abusou do dom da sabedoria. Nenhum dia deixes passar sem fazer de quando em quando estas salutares reflexões.

2. Desconfia com moderação de tudo o bom que fizeres. É mister evitar o extremo dos escrúpulos; mas é presunção confiar demasiado em suas boas obras. Dize a Deus todas as manhãs e todas as noites: Conheço, Senhor, que sou servo inútil; mas confio em vossa piedade que me fareis o favor de suprir minha insuficiência e meus defeitos. Quando chegar a tua notícia a morte de alguém, faze conta de que a morte a respeito dele, por longa que fosse sua enfermidade, foi repentina; e dize a ti mesmo: Logo o seguirei eu, e não quisera que se pudesse dizer de mim o que penso eu dele. Nunca dilates para o dia seguinte o que quisesses haver feito à hora da morte e lembra-te de que é bem-aventurado aquele que vive sempre como se naquele mesmo dia houvesse de morrer.

Santa Florentina, Virgem

Nasceu esta gloriosa virgem, para ser o adorno do vasto campo da Igreja, da ilustre família, segundo se crê, dos duques de Cartagena. Logo que saiu à luz, viram-se nela sinais nada equívocos de sua futura santidade. Em seu rosto, encarnado como uma rosa, mostrava tanta majestade, afabilidade e doçura, e em seus aprazíveis olhares dava a entender tanto recato, que prendava os corações de quantos a viam. Levantava com frequência os olhos ao céu, violentando-se até quando tomava o peito, sempre que não a pusessem de modo que pudesse facilmente olhar ao alto.

Entrada já no uso da razão, começaram seus pais a educá-la cristãmente, instruindo-a com especial cuidado nas primeiras orações, nas palavras boas e santas, em devoções piedosas e nos principais rudimentos e mistérios da santa fé católica, que era seu primeiro cuidado na educação

de sua família. A poucos dias advertiram em sua filha uma singular agudeza de engenho, muito claras e desanuviadas potências para aprender e entender as orações que se lhe ensinavam; pelo que resolveram pô-la ao estudo das primeiras letras, sem esquecer o principal exercício da virtude, ao que atendia incessantemente sua mãe, dando-lhe contínuos exemplos com suas obras, que são o melhor magistério. Buscava sempre a quietude para os exercícios de piedade e achava-se-a de ordinário nos lugares mais escondidos da casa, fazendo deles mística solidão para seu terno coração e prostrando-se em terra para agradar mais a seu Deus, que era o único objeto de seus acesos desejos.

Agradando ao Senhor estes devotos exercícios daquela idade inocente, começou a regalá-la com os favores mais singulares; e um muito assinalado foi que, estando encarregada a santa donzela do cuidado de seu irmão Santo Isidoro, que ainda estava no berço, viu que de repente o rodeou um numeroso enxame de abelhas que, sem molestá-lo, entravam e saíam de sua boca continuamente. Causou-lhe muita admiração o que via e, cheia de um pasmo reverente, esteve certificando-se da novidade bastante tempo; mas, recobrada do primeiro assombro, avisou logo a seus pais e irmãos, que acudiram prontos a ver o que julgavam incrível; mas foram testemunhas de ser certo o que assegurava Florentina e viram também que desapareceram depois as abelhas, deixando sem lesão a Isidoro, coisa que julgaram todos ser muito maravilhosa, e olharam-na como seguro prognóstico de sua grande virtude e sabedoria.

Crescendo mais em idade e em virtude a santa donzela, resolveu São Leandro, seu irmão mais velho, constituir-se seu mestre espiritual; e para isso a aplicou desde logo ao estudo da língua latina, a qual aprendeu em breve tempo e com tanta perfeição que entendia as divinas escrituras e explicava seus profundos mistérios, admirando a quantos a ouviam falar de pontos tão delicados. É verdade que poucas vezes se julgaram convenientes neste sexo as letras; mas não se pode duvidar de que São Leandro o fizesse com superior impulso, pois a tão santo e douto não se podia ocultar este inconveniente: mas Deus tinha destinada Florentina para que fosse a mestra de um doutor da Igreja; e assim cuidou de que ela fosse sábia e santa para que o fosse depois seu irmão menor Santo Isidoro, cuja educação se lhe havia de confiar; empenho que satisfez a santa, aplicando-se com todo o cuidado a formar na virtude o terno coração de Isidoro e a comunicar-lhe como mestra os cabedais de sabedoria que como discípula havia recebido de São Leandro. Com ocupações tão santas e contínuas, levava uma vida totalmente abstraída do século e empregada nas coisas do espírito; mas nem por isso deixou de publicar-se pelo reino a fama de sua formosura, tanto mais apetecida quanto mais oculta e retirada. Estas prendas moveram a muitos grandes e títulos do reino a desejá-la por consorte, julgando com razão que o que lograsse possuir joia tão preciosa daria novos esmaltes à grandeza de sua casa, por ser notória a prosápia nobilíssima de Florentina e porque a fama a proclamava ao mesmo tempo honesta, discreta e santa. Mas a todos os despediu ela, dizendo-lhes que Deus não a chamava por aquele caminho e que já tinha esposo e fiel custódio de sua pureza, a quem, sendo muito menina, havia dado a palavra.

Alterou sem dúvida seu puríssimo coração o ver-se pretendida, quando com sua grande humildade se cria esquecida e desprezada de todos; mas este foi outro estímulo para que de novo pensasse com as maiores veras em pôr em execução seus primeiros propósitos de desprezar todas as vaidades do século e retirar-se ao sagrado da religião. Com esta determinação deu conta a seus santos irmãos, por serem já defuntos seus pais, de que tinha oferecida a Deus sua virginal pureza

e de que, para conservá-la, meditava retirar-se dos escolhos do século aonde pudesse com liberdade corresponder à vocação de esposa de Deus, à qual novamente se sentia chamada. Gozosos e edificados os santos irmãos com nova tão ditosa, praticaram prontamente as diligências necessárias, e a breves dias se cumpriram os desejos da santa, achando-se religiosa num mosteiro de São Bento, perto da cidade de Écija. Mal se publicou a nova pela Espanha, muitas donzelas nobres, animadas com seu exemplo, acudiram a ela para que as recebesse em sua companhia. Concorreram tantas em breve tempo que se viu precisado o bispo de Écija, sob cuja direção viviam, a fundar outro mosteiro na mesma cidade, para satisfazer os desejos de tantas jovens como arrastava o exemplo e a fama de santidade de Florentina. Mas, não bastando ainda os dois mosteiros, São Leandro, ampliador do instituto, acudiu com grossas somas para outras fundações, e continuaram o mesmo empenho São Fulgêncio, outro irmão de nossa santa, Santo Isidoro e até o rei; de forma que chegou Florentina a alcançar mais de quarenta mosteiros, em que viviam mais de mil religiosas, com subordinação ao principal de Écija e obediência à santa como a prelada geral de todos eles.

Não é dizível o gozo de Santa Florentina ao ver cumpridos seus desejos e que se achava já desembaraçada de todos os seus estorvos para consagrar-se de todo a seu Deus. Dava-lhe contínuas graças por havê-la eleito por esposa e, a fim de corresponder-lhe de sua parte agradecendo tal fineza, soltava as rédeas a seu espírito, entregando-se a todas as obras que conhecia serem de seu maior agrado e fazendo uma vida tão exemplar que mais parecia de anjo que de humana criatura. Para radicá-la mais na vida espiritual, enviou-lhe seu irmão São Leandro um livro que compôs, cujo objeto é tornar patente o desengano de tudo o que é caduco e perecível, fazendo ver quão desprezíveis são as riquezas e vaidades do mundo, olhadas a boa luz, e que tudo quanto oferece à vista com aparências de gosto e deleite só é na realidade uma falsa e momentânea imagem de felicidade. Também compôs o santo e lhe enviou outro livro ou tratado acerca da instituição das virgens, no qual a anima à perseverança na vida monástica, com admiráveis elogios da pureza virginal, manifestando que os que por castidade perpétua se consagram a Deus passam ao estado de anjos, mesmo vivendo e conversando entre os homens. Na mesma obra pôs o santo uma fórmula ou modo de viver conforme à regra do patriarca São Bento, mas acrescentando ou tirando algumas particularidades que lhe pareceram convenientes ao tempo e à ocasião, ficando, não obstante, austeríssima, até que alguns anos depois a mitigou Santo Isidoro. Algumas daquelas regras eram as seguintes: uma total proibição de comunicar com seculares; clausura tão rigorosa que só com o encargo de fundadoras podiam sair a outros conventos, e isto com faculdade do bispo; pobreza extremada, sem propriedade alguma em particular, vestindo-se e sustentando-se todas do comum e, quando este não bastasse para o preciso, suprindo-o o trabalho de suas mãos; o vestido de lã muito pobre e grosseiro; abstinência perpétua de carnes e de vinho ou outros licores semelhantes; os jejuns quase insuportáveis pela escassa comida da maior parte dos dias; a ociosidade totalmente desterrada; os ofícios divinos muito dilatados, as disciplinas rigorosas, a oração diária e prolongada; e o tempo que restava dos exercícios de comunidade, empregado em ler livros santos e devotos.

Esta era a vida que com o maior zelo e observância praticava Santa Florentina no mosteiro, sem dispensar-se jamais da menor austeridade; antes as executava todas com o maior rigor, julgando-se indigna de ser serva de Jesus Cristo se só atendia ao que era unicamente de preceito e não cumpria com os conselhos que lhe davam a regra do santo patriarca e o livro de seu santo irmão.

Com uma vida semelhante fazia-se Santa Florentina o espelho em que se miravam todas as religiosas e, como é tão poderoso o exemplo dos prelados, viam-se precisadas todas a imitá-la, e todo o mosteiro respirava o bom odor de santidade; de sorte que a que como humilde se julgava mais tíbia costumava ser a mais fervorosa e, emulando-se com santo zelo umas às outras, parava esta competição em transformar-se num coro de anjos aquela humilde reunião de mulheres.

Mas ao cabo de algum tempo veio a decair algum tanto a observância, pelo pouco zelo e notável descuido do bispo que então o era de Écija e a cujo cargo estava o convento da santa, faltando às ordinárias visitas e assistências por cujo meio se conserva a regra nas comunidades religiosas mais santas. Sentia isto Florentina no íntimo de seu coração; e, como em todas as suas dúvidas, tanto acerca de seu aproveitamento como acerca do governo de seu mosteiro, consultava com frequência a seus irmãos, e estes lhe davam as instruções e consolos de que necessitava, já em novas ordenanças para seu espiritual aproveitamento, já em remédios convenientes para a reforma de quanto pudesse prejudicar o estado e decência das religiosas, dirigiu-se a eles nesta ocasião, rogando-lhes que a aconselhassem e a ajudassem com suas orações para alcançar de Deus que provesse do remédio conveniente. Foi tão bem ouvida de Deus sua petição que a poucos dias teve revelação a santa de que viria a Écija outro prelado zeloso, em quem teria o remédio e consolo que pedia; como se verificou, vindo desde Cartagena São Fulgêncio a governar aquela sede. Com sua vinda melhoraram as coisas, de maneira que foi visível o efeito da vigilância suma com que as assistia o santo prelado; e Florentina se enchia de gozo por ter tão perto de si o irmão a quem venerava como mestre e em quem assegurava todo o consolo, tanto próprio como de todas as suas filhas.

Com a presença de São Fulgêncio, à qual se seguiu uma perfeita reforma, voltou o coração da santa abadessa a sua quietude anterior; e com isto pôde prosseguir seus santos exercícios com tanto fervor e edificação das demais religiosas que sua conduta era uma lição contínua de exemplos de perfeição para todas. Mas em meio de tanta virtude como resplandecia em seus mosteiros, ainda cria que estava em obrigação de fazer muito mais para agradar a seu Esposo, cuja lei santa se via contínua e lastimosamente perseguida pelos arianos na Espanha. Para este fim aumentava suas orações, penitências e súplicas, trabalhando do modo que podia em confundir os hereges e em manter com exemplos e palavras o sagrado depósito da fé puro e ileso, não só entre suas religiosas, mas em quantos a consultavam sobre qualquer negócio e tratavam mais familiarmente com ela. Querendo seu irmão Santo Isidoro mostrar-se em algum modo agradecido ao que havia devido em seus primeiros anos ao zelo e cuidado de Florentina, enviou-lhe aqueles dois preciosos livros contra o judaísmo: um da vida, paixão e morte de nosso Senhor Jesus Cristo e outro da vocação das gentes; prometendo-lhe ao mesmo tempo enviar-lhe um método fácil, que a santa lhe havia pedido, para entender o sentido espiritual das divinas escrituras, para maior consolo e aproveitamento de sua alma. Com semelhantes armas mantinha-se firme seu espírito contra os ataques da heresia, e com elas confortava também suas religiosas, amoestando-as incessantemente a que perseverassem na oração e exercícios de piedade, para alcançar de Deus sua total extinção nos reinos da Espanha.

Com estes piedosos exercícios, não só se achou Florentina no cume da perfeição, mas mereceu quantas ditas podia lograr neste mundo, vendo a São Leandro na dignidade de arcebispo de Sevilha, aclamado pelo grande homem que tinha a Espanha; a São Fulgêncio, bispo, chamado pai

dos pobres por sua ardente caridade e zelo pastoral; a seu querido Santo Isidoro, sucessor na dignidade a São Leandro, proclamado por insigne doutor da Igreja e acérrimo defensor do catolicismo na Espanha e vigário da sé apostólica em todo o reino; a seu sobrinho Hermenegildo dar animosamente a vida e padecer martírio em defesa da fé; e finalmente, logrando o que com tantas veras havia pedido ao Senhor, como foi ver seu sobrinho Recaredo convertido à fé com todos os seus vassalos e desterrada de seus domínios a heresia e seita ariana.

Já não lhe restava que desejar na terra e só suspirava pelo céu, onde tinha postas suas firmes esperanças; e, conhecendo que se lhe aproximava o termo de seu desterro, cheia de anos e merecimentos, depois de dar santíssimas instruções e conselhos a suas filhas, recebidos também com admirável devoção os santos sacramentos, morreu no mosteiro de Nossa Senhora do Vale da cidade de Écija, onde foi sentidíssima sua morte por perder tão santa prelada e mestra. Foi sepultado seu corpo no mesmo mosteiro; mas muito pouco depois foi trasladado a Sevilha, porque, quando morreu Santo Isidoro, dispôs que o enterrassem entre seus dois irmãos Leandro e Florentina. Esteve em Sevilha seu santo cadáver até a invasão dos mouros, em cujo tempo o levaram os cristãos, com o de São Fulgêncio, a uma cova das serras de Guadalupe, onde foram descobertos milagrosamente no tempo de dom Afonso XI; e, fundado depois o lugar de Berzocana, do bispado de Plasência, colocaram-se em sua igreja paroquial, até que, reinando Filipe II, trasladou-se parte de suas sagradas relíquias ao real mosteiro do Escorial e parte à santa igreja de Múrcia, onde se veneram hoje, operando o Senhor pela intercessão de seus santos inumeráveis maravilhas.

Martirológio Romano

Em Roma, o triunfo dos quarenta e sete santos mártires que foram batizados pelo apóstolo São Pedro enquanto esteve preso no cárcere Mamertino em companhia de São Paulo, em cuja prisão estiveram nove meses: todos estes santos, perseverando numa generosa confissão da fé, foram degolados por ordem do imperador Nero.

Na África, os santos mártires Pedro e Afrodísio, os quais foram martirizados na perseguição dos vândalos.

Em Carras da Mesopotâmia, Santo Eutíquio, patrício, e seus companheiros, a quem martirizou Evélide, rei dos árabes, pela confissão da fé.

Na província Valeriana, os dois santos monges que foram enforcados numa árvore pelos lombardos e, depois que haviam morrido, ouviram-nos seus mesmos inimigos cantar salmos.

Na mesma perseguição foi também degolado um diácono da igreja de Marsica por confessar a fé católica.

Em Alberstadt, na Alemanha, a ditosa morte de Santa Matilde, rainha, mãe de Oto I, imperador, célebre por sua humildade e paciência.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Florentinæ virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que sois nossa salvação, ouvi benignamente nossas orações, para que, assim como celebramos com gozo a festividade de vossa bem-aventurada virgem Florentina, assim também mereçamos ser instruídos no fervoroso afeto de uma devoção verdadeira. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios, a mesma do dia 6.

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Reflexões

São Paulo faz-se cargo de todos os estados em que pode viver um cristão e, deduzindo de todos eles a perfeição respectiva a cada um, aconselha a todos que olhem sua virtude como um dom

gratuito da divina mão, não como fruto da própria colheita. Por isso diz que somente nos havemos de gloriar no Senhor, porque só o louvor que proceda de um princípio tão infalível poderá estar isento das humanas imperfeições. Que tens que não hajas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se tudo fosse teu? Tanto nestas palavras como nas anteriores está dando a entender o santo apóstolo aquela verdade católica de que foi mais claro e contínuo pregador que todos os outros apóstolos, isto é, que todo o nosso bem, toda a nossa vida e saúde espiritual têm sua origem e princípio no sangue precioso daquele que por nosso amor morreu crucificado.

Segundo o estabelecimento ou sorte que elegemos neste mundo, temos mais ou menos proporções para a aquisição deste bem, desta saúde e desta vida; porque Deus acomoda suas graças a nossas necessidades e à correspondência que acha em nós quando nos convida com suas misericórdias. Uma delas, e muito assinalada, é aquela santa inspiração com que nos determina à classe, sorte ou estado em que quer servir-se de nós. Por isso São Paulo dizia aos coríntios com tanto cuidado: Irmãos meus, atendei e considerai muito vossa vocação; bem certo o santo apóstolo da verdade com que havia dito o Filho de Deus: Ninguém pode vir a mim enquanto meu Pai não o traga.

Uma das coisas em que se adverte com mais clareza a suma sabedoria que toca de fim a fim fortemente e tudo dispõe com suavidade é a variedade de estados, ordens, classes e ofícios em que distribuiu este mundo. Não contente com criar-nos e reengendrar-nos no ser de graça, dando-nos meios admiráveis para subsistir nela, quis com paternal cuidado tomar a seu cargo o distribuir-nos aqueles estados e ofícios em que com mais facilidade pudesse nosso engenho, nosso talento e compleição desempenhar as obrigações de cristão. Este é nosso ser primeiro e principal, e ao qual devem regular-se todas as demais constituições ou modificações de nossa vida. Se todas elas não cooperam a fazer-nos mais cristãos, não só serão perigosas, mas positivamente más. São Paulo, na epístola que a santa madre Igreja aplica às virgens, prefere este estado a todos os demais, mas realmente não o manda; antes aconselha o matrimônio àqueles que se sintam abrasados pela concupiscência, como um remédio para apagar seus ardores.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, o mesmo do dia 6.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite

> obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da vocação com que Deus chama a diversos estados

Primeiro ponto

Considera que, como diz São Paulo, todos os fiéis na Igreja somos membros de um mesmo corpo; e, assim como num corpo nem todos os membros têm um mesmo ofício, igual destino, nem são de igual dignidade, assim hão de ser diferentes os estados, classes e ofícios dos cristãos que compõem o corpo místico da Igreja. Mas entre todos os estados, dois são principalmente aqueles para os quais se requer atender com sumo cuidado à vocação de Deus, que são o matrimônio e o celibato ou estado de continência. Estes dois estados são como dois eixos sobre os quais giram todas as ações da vida humana; são dois estados principalíssimos de que depende o bem ou o mal dos demais.

Portanto, não basta saber de qualquer maneira que há dois estados no mundo em que necessariamente havemos de passar a vida; necessita-se além disto ter bem compreendidas suas

cargas. O que intenta dedicar-se ao templo deve averiguar e contemplar a altura augusta de seu ministério, para não achar-se depois enganado e oprimido com uns deveres superiores a suas forças e contrários talvez a suas inclinações. Deve saber que os sacerdotes são chamados nas santas escrituras estrelas brilhantes, aludindo ao particular resplendor que deve sair de suas obras para edificação do resto do povo; que sua pureza deve ser tal que os raios do sol pareçam sombra em comparação do resplendor e pureza de umas mãos que repartem o corpo de Cristo, de uns lábios e língua que se umedecem e colorem com seu sangue, como dizia São João Crisóstomo. Os religiosos que não hão de chegar aos altares necessitam saber que se estreitam com laços de três votos que jamais poderão romper; que se apartam do mundo e se obrigam a viver crucificados, desprezando generosamente todos os prazeres, todas as conveniências e quanto o mundo oferece a seus partidários.

Os que se dedicam ao matrimônio devem saber suas muitas e penosas cargas e não se deixar seduzir por um exterior brilhante. Um sacramento instituído por Cristo há de santificar todas as suas ações e desejos; assim não hão de fazer vítima de uma brutal paixão os afetos mais nobres de sua alma. O matrimônio não é profissão de liberdade, mas um cativeiro penoso; obrigando-se os consortes a estudar seus gênios, seus humores e suas inclinações, para tratar de dar-se gosto e conservar a paz na família. Devem estar persuadidos finalmente os que se casam de que o matrimônio é um estado de muitas e complicadas obrigações, um verdadeiro jugo e uma cruz pesada.

Têm-se neste conceito os estados quando com tanta alegria se entregam os jovens a suas obrigações? Todo o contrário. Julga-se dos estados pelo exterior que apresentam. Nada induz a abraçar este ou o outro mais que as conveniências aparentes que temos advertido naqueles que os professam. A tranquilidade com que vivem; aquela liberdade que manifesta ao parecer independência, a posse absoluta de tais riquezas ou soldos; o ser senhores de sua casa e outras semelhantes considerações costumam ser de ordinário os motivos de abraçar um estado. Não se conta com a vocação de Deus; não se reflete sobre as obrigações, sobre as inclinações e o gênio; as razões são terrenas e por conseguinte os efeitos costumam ser tristíssimos. Não é estranho que um projeto em que não se contou com Deus nem com sua lei santa tenha por paradeiro o abismo.

Segundo ponto

Considera que não é o melhor estado para todos o mais perfeito, mas aquele que Deus assinala a cada um. No meio daqueles delinquentes que provocaram as iras do céu, foi Ló justo; e na solidão cometeu os delitos de embriaguez e de incesto com suas próprias filhas. Não se há de pensar que, porque um estado seja mais perfeito, é por isso mais conveniente a todas as qualidades, humores, inclinações e forças dos homens. O fim para que Deus nos criou não é para que sejamos sacerdotes, monjas ou casados; mas para que o sirvamos e amemos nesta vida e cheguemos a gozá-lo depois na outra. Aquele estado que melhor me proporcione este fim, atendidas minhas circunstâncias, esse é o que é para mim melhor e o que a mim me convém. Esse estado é o que devem eleger os jovens que não fizeram eleição ainda.

De ordinário os pais de família costumam tomar esta incumbência ou cargo de eleger o estado que hão de ter os filhos; mas com quanta crueldade! Em suas decisões e conselhos nada tem voto senão o interesse; a ele se ouve e a ele se obedece cegamente. Se o interesse manda que se dedique ao exercício da guerra um jovem pacato, moderado, devoto e dedicado por gênio e eleição ao estado eclesiástico: ao interesse se obedece. Se o interesse manda que se leve arrastando a encerrar num mosteiro uma jovem que suspira pelo matrimônio: ao interesse se obedece. Se este manda que se sacrifiquem as inclinações dos filhos, fazendo um matrimônio desigual de que não resulte mais que desesperação, escândalos e maldições contínuas: ao interesse se obedece.

Deus eterno, vós tendes dito que vibrareis o arco de vossa eterna justiça contra tão horrorosos delitos. Vós, pais de famílias, tereis acaso neste mundo vossos desejos cumpridos; mas padecereis os efeitos da ira de um Deus vingador que satisfará completamente sua justiça. De que vos servirá então o casamento vantajoso, a nobreza adquirida e a casa levantada com os despojos da Igreja? De que vos aproveitará o acomodo de vossos filhos, que será causa de vossa condenação eterna? Que importará haver ganhado um morgado, uma beleza, uma dignidade, um posto elevado, um entroncamento honroso, se perdeis vossas almas e perdeis a Deus para sempre? E se, rangendo os dentes de desesperação num lugar de trevas, pagais a desesperação que causastes em vossos filhos? Se, condenados e confusos, não vos resta mais consolo que repetir por toda uma eternidade entre raiva e desesperação: Nossa mesma malignidade nos condenou: *In malignitate nostra consumpti sumus?*

Jaculatórias

> *Benedictus es, Domine: doce me justificationes tuas.* Sl 118.

Bendito sejais para sempre, meu Deus e meu Senhor. Ensinai-me o modo de executar sempre vossa lei santa.

> *Adolescentulus sum ego: justificationes tuas non sum oblitus.* Sl 118.

Apesar de que minha idade não chegou ao estado de madureza, contudo, Senhor, não esqueci vossos mandamentos, nem os esquecerei ajudado de vossa graça.

Propósitos

1. Na suposição de que é um perigo meter-se nos estados, ofícios e cargos a que Deus não nos chama, que digo perigo? Uma temeridade, que de ordinário encontra o castigo em si mesma, é

indispensável empregar todos os meios para não se enganar. Deus não falta de sua parte dando a cada um as inspirações necessárias; o homem deve prestar seus ouvidos atentos para ouvi-las e sua vontade pronta para a execução. A vocação de cada um há de vir do céu; e ainda com tudo isso não está seguro de que suas obras e seu fim corresponderão a sua vocação. Judas foi chamado ao apostolado pelo mesmo Jesus Cristo; com tudo isso não bastou esta vocação para que deixasse de ser um traidor e um réprobo.

Entre todos os meios de poder assegurar-se, os menos expostos são a oração e o conselho. A oração alcança do céu que Deus ilustre nossos entendimentos, que dissipe as trevas que espalha em todos os negócios da vida o amor-próprio, e ao mesmo tempo inflama a vontade para empreender por Deus coisas árduas. O conselho é o mesmo que uma luz resplandecente para caminhar por um lugar tenebroso e semeado de perigos. De ambos os meios devem valer-se, tanto os pais de famílias como os inexperientes jovens que se veem próximos a fazer sacrifício de sua vontade por toda a vida.

Não te é lícito, jovem inconsiderado, seguir os pareceres de teu capricho nem os ardores de um amor torpe para decidir tua sorte e lançar talvez uma mancha sobre tua família com um casamento desigual. Teus pais, que te deram o ser, que te têm cuidado e dado a educação que te corresponde, têm direito a que não decidas sem seu conselho um assunto que tanto lhes interessa. Somente quando te impedissem caminhar até teu Deus e se opusessem a que fizesses profissão de vida mais perfeita, terias liberdade de passar por cima dos mesmos que te deram o ser e a vida, como diz São Jerônimo, para dedicar a Deus no templo teu amor, teus desejos e tuas esperanças.

Mas os pais deverão usar do direito que lhes concedeu Deus e a natureza sem fazer agravo à liberdade de seus filhos, que goza ainda de uns direitos mais primitivos e sagrados. Se esse filho se condena no estado de matrimônio ou de celibato que à força quereis que abrace, quem será responsável por sua alma? Se essa filha se traslada desde o mosteiro, onde viveu pesarosa, a gemer no inferno por toda uma eternidade, que justiça não fará Deus em vós, pais, que tivestes a culpa? Mas advirtam os jovens, para seu governo, que o condenarem-se seus pais de nenhum modo desfará sua condenação nem aliviará sua pena.

[^1]: O OCR traz “5o7”; corrigido para 557 (data coerente com os concílios de Orléans, 549, e de Paris, 551, mencionados). [^2]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) A passagem corresponde a Ez 34,2-6. [^3]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) A passagem corresponde a Jr 23,4. [^4]: O OCR traz “capítulo 42”; a passagem é de Lucas 12,43-48.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:59 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:59 by Admin